

“O HOMEM QUE FOI DESMANCHADO” COMO (PRÉ)TEXTO DA MODERNIDADE

“O HOMEM QUE FOI DESMANCHADO” AS A (PRE)TEXT OF MODERNITY

“O HOMEM QUE FOI DESMANCHADO” COMO (PRE)TEXTO DE LA MODERNIDAD

*Rafael Geraldo Vianney PERES**
*Ivan Marcos RIBEIRO***

“Nem sei que existo para dentro. Giro,
rodeio, engenho-me.” (Álvaro de Campos)

Resumo: Este estudo tem como meta analisar os estigmas tecnológicos que sinalizam para a modernidade, antecipando seus espantosos impactos, inicialmente sentidos no decorrer do processo de industrialização do século XIX. Os efeitos da modernização nos grandes centros, bem como da diáspora proletária, evidenciaram-se logo após o Iluminismo, que lhes influenciara de maneira significativa. No núcleo efervescente de tais acontecimentos, estava Edgar Allan Poe, escritor romântico que habilmente revelou a crise de seus contemporâneos diante da mecanização, sobre a qual se fará um breve inventário, por intermédio de seu conto “O homem que foi desmanchado” (1839). Assim procedendo, há a intenção de descortinar esse (pré)texto da modernidade.

Palavras-chave: Modernidade; Utopia; História monumental; Tecnologias.

Abstract: This study aims to analyze the technological stigma signaling to modernity, anticipating their amazing impacts initially felt in the process of industrialization of the 19th century. The effects of modernization in the large centers, as well as the proletarian diaspora, showed up soon after the Enlightenment, which interferes with them in meaningful ways. At the core of such effervescent events, there was Edgar Allan Poe, romantic writer who expertly revealed the crisis of his contemporaries on mechanization, on which will be a brief inventory, through his short story “O homem que foi desmanchado”. Thus proceeding, there is the intention to see this (pre)text of modernity.

* Mestrando em Teoria Literária na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob orientação do Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro. Graduado em Letras, pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Contato: rafaelperes86@hotmail.com.

**Doutor pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), membro do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: ribeiro.ivan@gmail.com.

Keywords: Modernity; Utopia; Monumental history; Technologies.

Resumen: Este estudio pretende analizar los estigmas tecnológicos que señalizan para la modernidad, anticipando sus increíbles impactos, inicialmente sentidos en el proceso de industrialización del siglo XIX. Los efectos de la modernización en los grandes centros, así como de la diáspora proletaria, apareció poco después de la Ilustración, que les había influenciado de forma significativa. En el núcleo efervescente de tales acontecimientos, estaba Edgar Allan Poe, escritor romántico que hábilmente revela la crisis de sus contemporáneos ante la mecanización, sobre la cual se hará un breve inventario, a través de su cuento “O homem que foi desmanchado” (1839). Procediendo así, hay la intención de descubrir ese (pre)texto de la modernidad.

Palabras clave: Modernidad; Utopía; Historia monumental; Tecnologías.

Considerações iniciais

Até o século XV, os burgos fixavam-se à margem dos feudos, de modo que os nobres pudessem usufruir comodamente dos produtos fabricados em oficinas ao pé de suas fortificações. À nobreza, submissos, artesãos, alfaiates e carpinteiros ficavam circunscritos somente a tais cercanias, donde não podiam sair para comercializarem, não possuindo, obviamente, o senso de mercadoria capitalista. Contudo, essa noção começou a florescer, à medida que a matéria-prima tornou-se escassa e exigiu-se mão de obra mais qualificada, o que dissolveu paulatinamente os burgos, enfraquecendo seu vínculo com a nobreza. A burguesia passou, então, por um lento processo (mais de três séculos) até se desgarrar por completo do poder econômico da aristocracia. Isso só aconteceu com o surgimento do Iluminismo na segunda metade do século XVIII, o que deflagrou a Revolução Francesa, cujo lema era “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. A epifania de Napoleão foi comparada à aparição de um “jovem corso batendo-se, qual novo Prometeu, contra as forças cósmicas e as potências obscuras da história, numa luta desigual” (SALIBA, 2003, p. 25). De fato, esse titã burguês presenteou a humanidade com outra luz ideológica, em detrimento da aristocracia cronida, que lutava por se manter no Olimpo. Todavia, as fraturas sociais deixadas pela revolução não só colocaram a aristocracia à bancarrota, como também ofuscaram a burguesia europeia, distorcendo a visão redentora do lema revolucionário. Quando o imperador francês

decaiu, instabilidade e crise brotaram por cima dos rastros da mudança outrora prometida.

No início do século XIX, aproveitando-se da crise europeia, os EUA investiram no desenvolvimento de suas províncias, com o intuito de tornar-se uma potência econômica. Para isso, fomentaram a ideia de patriotismo, advinda dos ideais revolucionários propagados na Europa, tratando os movimentos progressistas como um apoteótico *American Dream*. Alcançá-lo seria triunfar sobre as nações desgastadas pela Revolução Francesa; chance esta que colocaria o estado norte-americano num dos púlpitos mundiais (LIMA, 2008). Para adiantar essa esteira evolutiva, apostou-se em toda sorte de inventos, sobretudo no que se referia ao comércio e à indústria, a saber, investindo-se nos recentes estudos da sinergia do vapor e sua influência nas locomotivas e nos grandes navios. Ademais, outras inovações surgiam, intensificando o rol de expectativas em relação às pretensões do sonho americano: os inusitados experimentos com protótipos eletrolíticos, como baterias e pilhas, e a criação de relógios com elaboradas engrenagens.

Poe levanta questionamentos sobre o advento dessas inovações por meio das seguintes narrativas: “Pequena palestra com uma múmia”, “O poço e o pêndulo”, “O autômato jogador de xadrez de Maezel”, “A carta roubada” e, sobretudo, a que interessa como escopo investigativo: “O homem que foi desmanchado” (The man that was used-up). Se, na Europa, baionetas e outros armamentos castigavam a população, nos EUA, roldanas e demais inventos alçavam o norte-americano ao medo de suas próprias criações. Essas narrativas valem-se de alguns tipos fantásticos de experimentos científicos, antecedendo à ficção científica moderna¹⁰, o que endossa sua gênese já na primeira metade do século XIX:

¹⁰ A imagem da ficção científica está intrinsecamente ligada à história das pessoas que ajudaram a construir a imagem dos Estados Unidos da América no século vinte como uma terra de oportunidades para aqueles que enxergavam um país orientado para o futuro. Chegando à América do Norte na idade de vinte anos, vindo da então Tchecoslováquia, Gernsback se tornou editor de várias revistas que objetivaram se tornar veículos de divulgação científica junto aos jovens. [...] além da publicação de *Amazing Stories*, a contribuição de Hugo Gernsback para a ficção científica foi a criação do próprio termo como o conhecemos hoje (MEIRELES, 2012, p. 624).

Tal processo teve seu ápice [...] no século XIX, época em que o avanço tecnológico fez com que muitas concepções futuristas que se acumulavam desde o Renascimento, adentrassem o cotidiano das grandes cidades. Portanto, faz-se evidente que essa época tenha presenciado não apenas o despontar da ficção científica, mas também uma produção bastante ampla desse novo gênero e de suas inquietações sobre os muitos efeitos do desenvolvimento científico e tecnológico (DUTRA, 2012, p. 660).

Nos EUA, as atribuições ilustradas por esse novo gênero decorrem da ambição intelectual da burguesia puritana em busca do *American Dream*. Edgar Allan Poe utilizava a ficção científica para demonstrar os efeitos perniciosos causados pelo culto desmedido às máquinas, ainda que estas representassem a perspectiva progressista de seus conterrâneos. Embora os inventos fossem constituídos de mecanismos com impressionante exatidão, o escritor romântico questionava sua aplicação, desnudando o ambíguo caráter humano por trás da “pureza” mecânica. Descobre-se, assim, o princípio da industrialização, bem como pistas de sua ebulição na virada do século XIX para o XX. Com o intento de averiguar esse (pré)texto para a iminência da modernidade, será analisada a narrativa “O homem que foi desmanchado” (1839), colocando em evidência conceitos relevantes sobre o fantástico romântico, suas inquietações e utopias, sempre a dialogar com aspectos históricos que visualizem o verdadeiro *corpus* dos inventos. Com isso, referenda-se a importância do presente estudo, visto que se discutirá sobre o mal-estar do homem em face de seu legado científico, tema hodierno bastante questionado nos campos da ética e da Filosofia.

1 O resíduo humano das tecnologias apolíneas: um (pré)texto da modernidade

Na aurora do século XIX, nascera também um poeta, mas este havia preferido o obscuro Romantismo gótico ao ufanismo em voga. Além dos versos densos de “O corvo”, entre outros, Poe interessou-se pela *short story*, novo gênero utilizado pelos escritores românticos da

época. Suas escrituras são ilustradas com as tintas do fantástico¹¹, de cujo verniz ele extrai mortas-vivas, enterros prematuros e monstros noturnos, elencando assim um horripilante séquito de criaturas fatais. Essas mistificações sugerem um escritor afligido por diversas intempéries, mostrando sua carreira malfadada no exército, a perda prematura da mãe e da esposa, os excessos de álcool, as terríveis crises nervosas e a recorrente instabilidade profissional (ALLAN, 1945). Pelo visto, a aurora não se consumara para Poe; as cores fantásticas de suas obras foram filtradas pela escuridão, na qual o medo, condição básica do gótico, assombrava o sonho americano e sua ascensão econômica.

À maneira de Byron e de outros “poetas malditos”, Edgar Allan Poe ressuscitou mitos transgressores que arrombaram seus textos-sarcófagos e vagaram pelo imaginário norte-americano, semeando diversos terrores no campo árido do racionalismo iluminista. “Essa aporia [...] produz a representação de um sistema monstruoso, habitado por monstros e desajustados, tanto abrangente quanto intangível” (COALE, 2007, p. 119). Utilizando esse recurso, Poe atacava as concepções ufanistas da burguesia puritana, à qual rivalizava seu próprio *dark side*, ou seja, seu *id* monstruoso e indomável. Também era uma tentativa de resgatar o *pathos*, até então sufocado pelo *American Dream* e sua marcha progressista. Nesse sentido, abrir-se-ia uma fenda insólita no âmbito supostamente ordenado da Nova Inglaterra, espalhando incertezas diante do novo, como forma de questionar a aplicação dos mecanismos capitalistas. Com essa postura, Poe começava a traçar o esboço mal-assombrado de uma sociedade desfigurada pelas tecnologias, a cuja lógica financeira opunha-se o Romantismo:

A característica essencial do anticapitalismo romântico é uma crítica radical à moderna civilização individual (burguesa) – incluindo os processos de produção e de trabalho – em nome de certos valores sociais e culturais pré-capitalistas. [...] A crítica romântica raramente é sistemática ou explícita e poucas vezes se refere diretamente ao capitalismo como tal. Na sociologia e na filosofia social germânica do fim do século XIX podemos encontrar algumas tentativas de

¹¹ “[...] nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de acontecer na vida, se nos prendemos aos conhecimentos comuns de cada época no tocante ao que pode ou não pode acontecer [...]” (TODOROV, 1968, p. 40).

sistematizações: elas opõem *Kultur*, um conjunto de valores tradicionais – sociais, morais ou culturais – do passado, à *Zivilisation*, o desenvolvimento moderno, [...] material, técnico e econômico (LÖWY, 1998, p. 36).

A *Kultur* ansiada pelos alemães retomava os valores da Idade Média, que, a princípio, desconhecia as formas do capitalismo, já que estas começaram a aparecer só no século XV. Nos EUA, os artistas românticos também almejavam retornar a esse passado pré-capitalista; intento mediado por suas obras, catalisadores remissivos que lhes levariam até o transcendente, em detrimento da ambição intelectual e financeira da burguesia puritana. Por isso, o medo tinha a dupla face de Jano, ou seja, proporcionava a fuga do burguês romântico até um patamar ultrassensorial, mas, ao mesmo tempo, trazia à luz as influências perniciosas das novas tecnologias. João A. B. C. Smith, protagonista¹² de “O homem que foi desmanchado”, é um dos “protótipos” que demonstram os efeitos da ciência iluminista na sociedade norte-americana da primeira metade do século XIX.

Exemplo de *Zivilisation*, o general ostenta uma peculiar e incomparável beleza, digna do formoso Adônis, criando assim intrigante aura de mistério em torno de si. O personagem-narrador fica profundamente impressionado ao conhecê-lo, sobretudo porque o outro aparenta ser um homem dotado de certo “*air distingué* que falava de elevada educação e sugeria alta linhagem” (POE, 2001, p. 503). Smith teve notável participação numa campanha militar contra as tribos Bugabu e Kickapu, destacando-se meritoriamente por seu heroísmo e bravura. A descrição de seu porte físico avantajado, de seus olhos “cor de avelã”, de sua voz dominante e, principalmente, de sua exemplar *virtus*, prezam pela hipérbole e pelo encadeamento anafórico, alteando ainda mais as glórias e belezas do general. Entretanto, o personagem-narrador percebe que os movimentos do militar demonstram certa rigidez, o que, vez ou outra, distorce seus modos principescos. A presença impactante desse homem faz com que o outro investigue incansavelmente sua procedência, indagando damas e cavalheiros que lhe conheciam.

¹² Deve-se tratá-lo assim, visto ser ele o foco das impressões do personagem-narrador e, conseqüentemente, do leitor, repassando, desse modo, um sentimento paradoxal de estranheza e admiração ante sua estupenda figura.

O personagem-narrador frequenta salões e teatros suntuosos, tentando decifrar o intrigante Smith. Porém, quando o repetitivo e enigmático leitmotiv¹³ dito pelos personagens secundários está prestes a revelar quem é a figura de tão notável aspecto, surge algum tipo de interrupção, mantendo a revelação suspensa. Após fracassar em todas as suas tentativas, o narrador resolve ir pessoalmente à casa do general para sanar de vez o mistério que o atormenta. Chegando lá, é levado por um criado à alcova do sujeito, onde se depara com “uma trouxa grande e excessivamente estranha de algo” que possuía uma “vozinha de nada e muitíssimo divertida, entre guincho e assobio”. Horrorizado, o narrador observa o mordomo atarraxar uma série de próteses mecânicas naquela “coisa”. Aos poucos, o montículo entrouxado supostamente vai antropomorfizando-se até readquirir, em absoluto, sua compleição humana, revelando ser o intrigante e admirável general João A. B. C. Smith, ou melhor, “o homem desmanchado” (POE, 2001, p. 509, 510).

Exemplo de virtude e coragem, o herói retorna da campanha contra os Kickapus e Bugabus, assim como Ulisses regressara da guerra de Troia. Ao chegar à pátria, o grego disfarçara-se como um velho mendigo, não só para investigar e surpreender seus rivais, como também para demonstrar que a nobreza reside na experiência e na humildade. O arco envergado pelo rei de Ítaca é o símbolo da virtude e do poder, objeto digno só dos justos e corajosos. Quando o soberano disfarçado revela-se mediante seu feito, sua majestosa figura patriarcal vem à tona, esmorecendo os ânimos de seus inimigos. Esse desfecho de “A Odisséia”, de Homero, sublinha as qualidades apresentadas, pelas quais o homem clássico deveria prezar. Nota-se que a história de Smith é uma reatualização da saga de Ulisses, uma vez que o primeiro passa por uma árdua jornada até alcançar os púlpitos dos salões, onde fica evidente sua dominante influência burguesa no espaço aristocrático (uma versão moderna da queda dos troianos [aristocracia] e da vitória dos gregos [burguesia]). Semelhantemente ao rei de Ítaca, trata-se de um general em batalha para angariar mais territórios e forjar

¹³ Srta. Tabitha T.: “Esta é uma época maravilhosamente inventiva! Horrendo negócio aquele! Sanguinária quadrilha de miseráveis aqueles Kickapus! Ele brigou como um herói... prodígios de valor... renome imortal. Smith! Brigadeiro-General A. B. C. Smith! Ora, você sabe que ele é, mais do que outro ente humano...” (POE, 2001, p. 506)

uma imagem crível dos valores humanos. Entretanto, a despeito do modelo clássico, o epílogo do conto revela-nos os resíduos insignificantes de um homem outrora magnificamente apresentável e virtuoso. Essa subversão mostra que o confronto adâmico pelo paradisiaco *American Dream* culmina na descaracterização da sociedade norte-americana, vítima de seu culto excessivo às invenções resultantes do Iluminismo.

Edgar Allan Poe desmancha o homem mecânico a fim de atacar o racionalismo capitalista da burguesia puritana. Dessa feita, o escritor pune e alerta seus contemporâneos, dando vida a um mito transgressor que provoca implacável terror no homem, pois este, tal como um incubo, não vê sua imagem refletida no espelho tecnológico. “Eis aí, ao que parece, a síndrome do ‘nenhum lugar’, sentido original da palavra utopia” (SALIBA, 2003, p. 26). Entretanto, mais do que nunca, o romântico esperava ligar-se a um lugar conhecido, a um momento histórico que fora cruelmente rechaçado pelo presente repleto de estranhas e confusas inovações. Na Europa, principalmente na França, havia desesperança e resquícios indigestos da funesta empresa militar de Napoleão, assim como cambiantes mudanças desencadeadas pelo cientificismo. Elias Thomé Saliba (2003) reforça seu ponto de vista, destacando que, face a esse preocupante contexto, era mister uma tábua histórica de salvação para não se sucumbir às diversas transformações.

Pode-se considerar o general Smith um protótipo do que Nietzsche (2003, p. 19) qualifica como “história monumental”, ou seja, uma tentativa de reviver o ápice de um momento passado para avaliar o comando exercido pela classe dominante. “A Odisseia”, como foi visto, é o modelo das glórias clássicas, às quais, inevitavelmente, associa-se a filosofia científica do Iluminismo, tópico preferido do “galante soldado” que “se deliciava [...] em comentar a rápida marcha das invenções mecânicas” (POE, 2001, p. 505). Com base nesse aspecto, percebe-se o incansável desejo do homem de alcançar a eternidade, à revelia de sua frágil condição mortal e de suas singulares emoções¹⁴. O artista romântico, em contrapartida, não faz com que sua

¹⁴ Ilustra belamente tal assertiva a colocação do reverendo Drummummupp: “[...] o ente humano que nasceu duma mulher tem apenas pouco tempo para viver; ele se levanta e é cortado como uma flor” (POE, 2001, p. 506). Como se trata de uma das interrupções acerca da epifania sobre Smith, infere-se que o mesmo é o contrassenso

idealização seja um espaço neutro e engessado, e sim um caleidoscópio que absorva ciclicamente um ponto histórico (Idade Média) que valorize os anseios do *pathos*, com a finalidade de combater as ambições elitistas do racionalismo clássico. Desse modo, a ciência esbarra nos limites da subjetividade, a que se volta o olhar romântico de Poe, preconizando, sobretudo, a imaginação e os instintos como cordas primordiais da alma. Com isso, o escritor rebela-se contra o conhecimento aposteriorístico que torna a ciência uma e amplamente dominante, um Smith representativo do anseio burguês pelo decadente *status quo* aristocrata. Esse perigo é evidente,

[...] porque se honra a história mais que a vida. Sim, triunfa-se pelo fato de que agora ‘a ciência começa a dominar a vida’: é possível que se alcance isso. Todavia, uma vida dominada desta maneira não é certamente muito valiosa porque é muito menos vida e assegura muito menos vida para o futuro do que a vida outrora dominada não pelo saber, mas pelos instintos e pelas poderosas imagens ilusórias (NIETZSCHE, 2003, p. 61).

Logo, o general, personificação do progresso científico, nega suas “imagens ilusórias” contidas no passado, o que, por conseguinte, desintegra seu *pathos* e, literalmente, a si mesmo, na tentativa de restaurar a nobre representatividade da imagem aristocrata. Assim, a vida de Smith é comprometida por sua incompleta imersão em seus sentimentos e fraquezas, os quais, no entanto, não se separam de sua “armadura adonística”, visto ser ele descrito de modo paradoxal nos leitmotifs do conto. Trata-se, pois, de adjetivos distintos, como “renome imortal”, “perfeito bandido” etc., sempre enfatizando que “jamais se ouviu” os “prodígios de valor” daquele que “é, mais do que outro ente human...” (POE, 2001, p. 508). Apesar de tão celebrada iconoclastia, acontece uma incômoda interrupção, na qual o “human...” é ceifado, a sugerir que também o é o burguês puritano, com o seu almejado *American Dream* ornado de novas tecnologias.

Os estribilhos respondidos pelos personagens são mecanicamente dúbios, conforme se percebe nos trechos transcritos acima. Poe (2001), em seu tratado literário “Filosofia da Composição”,

da finitude expressa nessa pregação, uma “flor mecânica” que tenta suplantar o tempo e a morte.

destaca a importância de manter-se o desfecho (ápice) do conto sempre à vista do leitor, de modo que este fique instigado a descobrir sua epifania. Essa estratégia contribui para adensar a insólita e misteriosa atmosfera da narrativa, de modo que haja sempre um elemento inquietante¹⁵ associado à figura majestosa de Smith. Descobre-se, de antemão, os resíduos contraditórios do homem por trás da máscara científica, como pistas deixadas com o propósito de indicar o caminho até onde o medonho inconsciente esconde-se. É angustiante, pois, que esse admirador imoderado das invenções seja “*mais* do que outro ente humano” (POE, 2001, p. 506), isto é, mais submisso às tecnologias e, efetivamente, mais distante de sua verdadeira natureza.

Cumprir destacar que o ano de publicação desse conto (1839) coincide com a inauguração de várias ferrovias nos EUA, expandindo, desse modo, o comércio e a indústria. Ademais, esses acontecimentos, somados a outras importantes invenções datadas da primeira metade do século XIX, como a fotografia (1816) e a pilha elétrica (1800), já norteiam o homem oitocentista para o advento da Segunda Revolução Industrial (1850-1870). O desfecho da narrativa de Poe é bem sintomático no tocante a essa gradação tecnológica, principalmente em se tratando das novas relações comerciais provenientes de tal processo. Assim, à medida que Pompeu, o fâmulo, anexa os apêndices mecânicos no minúsculo Smith, este sugere diversos vendedores, elogiando suas inigualáveis “mercadorias”. Esse discurso apologético se segue até o momento em que a última prótese é encaixada pelo mordomo. No entanto, ao completar o leitmotiv dos refrões, o suposto Thompson¹⁶ mostra o resíduo humano até então escondido pelo aparato tecnológico: “O Brigadeiro-General João A. B. C. Smith era o ente humano... *era o homem desmanchado*” (POE, 2001, p. 512, grifo do autor).

Observa-se a existência de dois ciclos (des)construtivos da imagem de Smith: o mítico (numa alusão a Ulisses, exaltando a *virtus*

¹⁵ “O inquietante’ [...] sem dúvida, relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror, e também está claro que o termo não é usado sempre num sentido bem determinado, de modo que geralmente equivale ao angustiante” (FREUD, 2010, p. 329).

¹⁶ Smith chama o personagem-narrador de “Thompson”, erro que assinala a crise identitária do homem-máquina, já que este não consegue reconhecer-se, nem reconhecer o outro.

clássica e as habilidades do *homo faber*) e o mortal, que desnuda as fraquezas do homem, recolocando-o em seu estado primal (criatura dentro da trouxa). Em face disso, o confronto do Brigadeiro-general com as milícias indígenas – sugestivamente primitivas – vai mais além, transformando-se no prélio entre a razão divina e o *instinctu moris*, cuja vitória final desmistifica o modelo tecnocientífico aventado pelo Sonho Americano. A sensação de dissoluta vaguidão do burguês puritano ante a expansão mercantil desencadeada pelos novos inventos também ruía o anseio ufanista por um território genuinamente norteamericano. Por outro lado, os românticos esperavam que o *locus antiquus* descrito em seus textos (principalmente naqueles de caráter gótico) os remisse dessa carência identitária, concebendo retrocessos à Idade Média, pois lá havia ainda uma representação definida dos lugares, como, por exemplo, a religiosa tripartição espacial “céu, terra, inferno” (SALIBA, 2003). Portanto, verifica-se que os ciclos (des)construtivos representam o período instável do início do século XIX, o qual fora marcado por desordens psíquicas individuais decorrentes da assustadora profusão de mudanças em voga.

À guisa dessas modificações, nota-se que a burguesia puritana da Nova Inglaterra ainda se convalescia dos efeitos de sua ruptura com o colonizador. A independência fora um feito triunfal, porém, em contrapartida, provocara uma dissimulada sensação de orfandade e desamparo. Por isso, era necessário insuflar rapidamente o espírito nacionalista, a fim de preencher a lacuna entre a colônia e o colonizador e, ao mesmo tempo, fortalecer o poder capitalista de um estado ainda desfigurado. Todavia, ainda que os EUA, no decorrer do século XIX, tenham evoluído exponencialmente, suas ambições financeiras só intensificaram esse doloroso processo de descaracterização¹⁷. Ademais, nesse contexto, como no resto do mundo, surgiu o proletariado, classe ainda despreparada para lidar com os avanços tecnológicos da aurora industrial oitocentista. Assim, o homem tornou-se um apátrida em seu próprio território, pois teve que se deslocar para os grandes centros e cumprir jornadas de trabalho específicas, o que desvinculou o *tempus* do *spatium* original. Anthony

¹⁷ “O homem da multidão”, outro conto de Edgar Allan Poe, também aborda o tema da descaracterização provocada pelo “ritmo capitalista” das aglomerações nos grandes centros.

Giddens observa que esse efeito foi provocado, inicialmente, pela invenção do relógio mecânico:

[...] o cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar – e era geralmente impreciso e variável. Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores socioespaciais: “quando” era quase, universalmente, ou conectado a “onde” ou identificado por ocorrências naturais regulares. A invenção do relógio mecânico e sua difusão entre virtualmente todos os membros da população (um fenômeno que data em seus primórdios do final do século XVIII) foram de significação-chave na separação entre o tempo e o espaço (GIDDENS, 1991, p. 27).

O sociólogo ainda acrescenta que tal separação esvaziou o tempo, a fim de padronizá-lo como “horas de trabalho”. Essa fenda socioespacial dá-se logo no primeiro parágrafo de “O homem que foi desmanchado”, uma vez que o personagem-narrador não se lembra de quando, nem de onde conheceu pela primeira vez o ilustre soldado. O único fragmento de que se recorda é a certeza de o outro ter-lhe sido apresentado durante uma importante reunião (POE, 2001). Essa desrazão cronotópica relaciona-se diretamente à ocasião em que o narrador “conheceu” Smith, ou melhor, ao momento em que o outro se tornou desconhecido. O verbo “conhecer”, nesse caso, não se refere só à apresentação formal, mas também à tentativa de resolver o enigma das inovações tecnológicas. Contudo, tal intenção é frustrada, pois o narrador é incapaz de lembrar-se precisamente de “quando” e “onde” “conheceu” o general. Assim como o relógio mecânico, esse esquecimento expõe a influência nociva do homem-máquina na “separação entre o tempo e o espaço” apresentada por Giddens. Este mostra que o advento da modernidade começa no final do século XVIII, quando, segundo ele, se inicia os fenômenos causadores da sensação de nulidade espaço-temporal.

Nesta breve jornada teórica a respeito da influência dos inventos no século XIX, buscando pistas no conto de Edgar Allan Poe, pode-se inventariar, até o momento, cinco fenômenos relacionados a essa separação espaço-temporal. São eles: utopia, história monumental, neutralidade cronotópica, fragmentação identitária e medo. Estão todos ligados às mudanças anteriormente explanadas, sobretudo às inovações

científicas decorrentes do Iluminismo. Não obstante, essa interdependência vai mais além, já que um explica e aponta para o outro. Por exemplo, a utopia, na verdade, consistia num outro tipo de abordagem histórica, pela qual se pudesse privilegiar um passado remissivo e transcendental (Idade Média), em oposição ao cientificismo, exemplo de história monumental a serviço da classe burguesa. O novo traje mecânico dos dominadores aterrorizava, sobretudo porque se desconhecia o jugo de sua “mão de ferro”, tampouco sua influência na concepção do sujeito. Com isso, houve o estopim de uma crise identitária, deflagrado pela fenda entre o espaço e o tempo deixada pelo homem-máquina burguês.

Entretanto, no início do século XX, vários artistas fizeram apologias aos inventos, como se a humanidade tivesse diante de si “a nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!” (PESSOA, 1998, p. 85). As inovações foram sempre tratadas de maneira paradoxal, ora representando esperanças, ora atemorizando com seus resultados catastróficos. O lume divino ofertado por Prometeu dera ao homem o engenho para transformar a natureza; assim, da forja, nasceram armas e toda sorte de instrumentos. Porém, a capacitação tecnológica também esboçava um novo patamar de contingências, ou seja, à medida que os armamentos evoluíam, as guerras tornavam-se mais sangrentas e fatais, ampliando os genocídios. Por conta dessa duplicidade, as criações mecânicas ostentam conhecimentos demasiadamente prejudiciais, aos quais se opõe Manfredo, “personagem-título” do poema de Byron, ao questionar a aplicação do racionalismo e, mormente, sua ineficiência em traduzir a vida:

Deviam os sábios aprender a dor
Sofrer é saber; e quem mais souber
Mais tem de lamentar a verdade fatal:
A árvore do Saber não é a da vida.
Filosofia, ciências, *fontes de prodígio*.
Todo o saber do mundo já tentei,
E pelo poder da mente tudo domo –
De nada me serviu! (BYRON, 2002, p. 23).

Quando o conhecimento impõe-se sobre a vida, principalmente sobre o *pathos*, não se é sábio, e sim cruelmente racional, como se outro Victor Frankenstein corrompesse de novo a natureza humana,

insanamente em busca da imortalidade prometida pela ciência. Manfredo, apesar de ter tentado adquirir “todo o saber do mundo” e de ter dominado “o poder da mente”, percebe, em vias de fatalidade romântica, que nada pode fazer contra suas atribulações e sofrimentos, o que retoma as indagações sobre o papel do homem diante das tecnologias. A intenção de Byron é depreciar o ambicioso espírito racional, sublinhando que a “árvore do saber não é a da vida”. Logo, depreende-se que o gênio excêntrico e incompreendido de Manfredo endossa sua premissa romântica de criticar a idolatria científica da burguesia. Daí se infere que as “fontes de prodígio” em destaque são os mesmos “prodígios de valor” (POE, 2001, p. 505) mencionados em “O homem que foi desmanchado”:

Pára-quedas e estradas de ferro, casas de jogo e espingardas de mola!
Nossos navios a vapor estão em todos os mares e o balão a vapor
Nassau está prestes a fazer viagens regulares (passagem de ida e volta
apenas vinte libras esterlinas) entre Londres e Tombuctu. E quem
poderá calcular a imensa influência na vida social, nas artes, no
comércio, na literatura, como resultado imediato dos grandes
princípios da eletromagnética! (POE, 2001, p. 505).

Elencados nesse trecho, incorrem as formas de desencaixe social que precedem a eletricidade, o fonógrafo, os automóveis, os aviões, “a obsessão movimentada dos ônibus” (PESSOA, 1998, p. 85). Deve-se frisar essa “imensa influência”, sobretudo na literatura, como demonstra a “Ode triunfal”, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, a qual descortina as profundas transformações tecnocientíficas em diversas ramificações sociais. Embora seja uma ode que exalte os triunfos de tais avanços, nota-se, em determinados pontos do poema, o prejudicial desencaixe provocado pelas máquinas: “outra vez a raiva mecânica constante!”, “fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos os comboios”, “De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios” (1998, p. 85). De fato, esses “prodígios de valor” (POE, 2001, p. 505) foram de suma importância para o desenvolvimento humano, no sentido de manter e melhorar a subsistência, proporcionando conforto e bem-estar. Porém, são cada vez mais visíveis os transtornos causados pela expropriação identitária do homem – sobretudo de seu lado emotivo –, em função das “benesses” tecnológicas.

Na modernidade, tais fenômenos acentuaram-se de maneira jamais vista. O local e o global interconectam-se de modo espantosamente dinâmico, relegando o homem contemporâneo a um entrelugar irresoluto. Um intermitente fluxo de informações passa pelo indivíduo, sem, no entanto, preencher seu *locus vivendi*, esvaziando assim sua identidade espaço-temporal. Os mais variados tipos de supermáquinas proporcionam o rápido deslocamento do homem, superando amplamente as diásporas do século XIX. Exposto a essas mudanças, o *corpus* social desintegra-se gradualmente, sobretudo em relação às novas formas de capitalismo deflagradas pela atual avalanche tecnológica. Se tempo e espaço esfacelam-se rapidamente, logo sobrevém o perecimento do durável, em deferimento do momentâneo, de modo que se possa extrair deste último o máximo de comodidade e bem-estar. Todavia, esse remodelado *carpe diem* suplanta a confiança no futuro, antes propiciada pelo trabalho coletivo, que fomentava um utópico e “eterno” progresso, estigma do capitalismo remanescente dos séculos XIX e XX. Bauman (2001, pp. 118, 119) discorre sobre essa questão, pontuando seus efeitos:

Esse fundamento da fé no progresso é hoje visível principalmente por suas rachaduras e fissuras. Os mais sólidos e menos questionáveis de seus elementos estão perdendo seu caráter compacto junto com sua soberania, credibilidade e confiabilidade. A fadiga do Estado moderno é talvez sentida de modo mais agudo, pois significa que o poder de estimular as pessoas ao trabalho – o poder de fazer coisas – é tirado da política, que costumava decidir que tipos de coisas deveriam ser feitas e quem as deveria fazer. Embora todas as agências da vida política permaneçam onde a “modernidade líquida” as encontrou, presas como antes a suas respectivas localidades, o poder flui bem além de seu alcance. A nossa experiência é semelhante a dos passageiros que descobrem, bem alto no céu, que a cabine do piloto está vazia.

O estado é presa da insolitude de seu próprio sistema, cujo estranho fluido escorre por todas as searas sociais, principalmente no âmbito científico. Presumivelmente, devido ao fato de o trabalho priorizar tão somente o momento, tornam-se insípidos os labores que outrora visavam à eternidade. Assim, o “poder de fazer coisas”, estimulado pelas autoridades, esbarra na incredulidade humana ante o futuro, ocasionada, sobretudo, pela dimanação cronotópica. Uma das

tecnologias que provocam esse fenômeno é o *software*, pois este subdivide o local de trabalho em semiespaços digitalizados, onde a coletividade é substituída por mensagens binárias instantâneas e individuais (BAUMAN, 2001). O anseio generalizado de alcançar o “agora” enfraquece a esperança anteriormente pactuada entre governados e governantes. Os avanços tecnológicos são um dos fatores determinantes para a insurreição dessa crise, embora sejam elementos indispensáveis para o gerenciamento e a padronização das diversas ramificações sociais. Esse parecer tem credibilidade, pois a velocidade cibernética dos softwares dinamiza bastante o fluxo do capital, cuja “leveza” desloca o homem moderno de seu espaço costumeiramente previsível. Símbolo dessas transformações, a globalização¹⁸ dilui gradativamente a identidade individual e coletiva, em detrimento das limitações geográficas – ainda que, há muito tempo, estas já tenham se tornado um local temporalmente vazio e autônomo¹⁹. Tais fatores são muito abrangentes quando se trata dos inventos que fundaram a modernidade, porém, mesmo assim, ilustram efetivamente o que Giddens (1991, p. 31) intitula de “desencaixe dos sistemas sociais”. Possuindo o mesmo teor das considerações de Bauman, sua afirmação demonstra que vem acontecendo massivamente o “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”.

Verificando as ilações obtidas por intermédio da analogia entre desrazão cronotópica, tecnologia, história monumental e medo, acha-se o (pré)texto oitocentista desse/para esse desencaixe dos sistemas sociais. Para Giddens (1991, p. 32), existem dois mecanismos

¹⁸ En términos generales, la globalización constituye una nueva fase del desarrollo capitalista, cuyos rasgos básicos son la desregulación de los mercados, de los procesos laborales y de la fuerza de trabajo, la privatización de las economías, sobre la base de cambios tecnológicos centrados en el uso de la microelectrónica y la generalización en el uso de nuevas tecnologías como la robótica, la automatización, la informática, la biotecnología y la biogenética (MARTÍNEZ; SALAS; MÁRQUEZ, 1997).

¹⁹ A “descoberta” de regiões “remotas” do mundo por viajantes e exploradores ocidentais foi a base necessária para ambos. O mapeamento progressivo do globo que levou à criação de mapas universais, nos quais a perspectiva desempenhava um pequeno papel na representação da posição e forma geográficas, estabeleceu o espaço como “independente” de qualquer lugar ou região particular (GIDDENS, 1991, p. 29).

principais de desencaixe: a “ficha simbólica” e o “sistema perito”. O primeiro são os vários tipos de representações monetárias (dinheiro, moeda, crédito bancário e ações de mercado). Giddens (1991, pp. 37, 38), lendo Freidson, salienta que a confluência desses signos monetários gera “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje”, como automóveis, aviões, residências e empresas. Para endossar o intercâmbio entre a ficha simbólica e o sistema perito, exige-se “confiança”, um aval baseado em valores pessoais, técnicos e profissionais, concedidos por instituições que delegam esse “poder” em seus diferentes modos.

Convém, pois, tratar os fenômenos do século XIX como um (pré)texto da modernidade, visto que o general Smith é a própria personificação do “desencaixe” mencionado por Giddens. O homem contemporâneo, assim como o galante soldado, dividiu-se assustadoramente; cada parte sua tornou-se um automóvel, uma página da web, um telefone celular etc. Ou seja, sua identidade está desmanchando-se, já que o deslocamento provocado por esses sistemas peritos separa ainda mais o tempo do espaço, espalhando velozmente o *ego* por locais indômitos, onde o risco esmorece a confiança. Sendo assim, as instituições dominantes perdem credibilidade, uma vez que o indivíduo não distingue sua face sociocultural refletida na multiplicidade de fichas simbólicas e sistemas peritos. Desse modo, o “estado [...] e as criaturas sem face, aparentemente todo-poderosas, que o administram, incorporam tamanho e força e aquilo que permanece estranho e aterrorizador” (COALE, 2007, p. 108). Então, um novo Smith, com seu “aspecto singularmente dominante” (POE, 2001, p. 503) e altivo, revela ser, na verdade, o resíduo monstruoso do homem.

Considerando o elitismo intrínseco à história monumental nietzschiana, entende-se que o legado iluminista de inventos e novas descobertas é um (pré)texto para alavancar o *American Dream* e legitimar o domínio da burguesia puritana. De modo semelhante, o mundo digital concebido na primeira década do século XXI é resultado das emancipações iluministas nos diversos campos tecnocientíficos. Hoje, com sua enorme influência digital, o capitalismo bombardeia quase todos os territórios do mundo, a fim de obter lucros o mais rapidamente possível, devido à intensa e gradativa competição por ele mesmo deflagrada durante esse processo. Comparado com o *American*

Dream da época de Poe, nota-se, obviamente, que os efeitos desencadeados pela economia atual são muito mais incisivos, sobretudo no que se refere à crise identitária do homem contemporâneo. Mas essa tensão só se justifica por causa dos primeiros avanços conseguidos pelos movimentos progressistas no final do século XVIII. Paradigma clássico do homem que utiliza seu engenho para dominar a natureza, Ulisses, o notório herói que venceu a guerra e os mares, favorecido por suas tecnologias bélicas e náuticas, perpetua-se através do general Smith, evoluindo significativamente até se tornar o burguês cibernético da atualidade. Logo, “aquilo que uma vez conseguiu expandir e preencher mais belamente o conceito ‘homem’, também precisa estar sempre presente para possibilitar isso” (NIETZSCHE, 2003, p. 19).

Porém, o que se acha escuso por trás dos chips ultramodernos do contemporâneo Ulisses é o desejo utópico de regressar a uma época na qual se valorizava mais a subjetividade, conservando a crença de que, “com o tempo, teremos o bom lugar” (SALIBA, 2003, p. 59). Observa-se, então, na modernidade, o mesmo anseio romântico de reviver um passado que possa ordenar os fragmentos identitários desencaixados pelas mudanças atuais. Tal atitude é premente, uma vez que os tormentos ocasionados pelo culto desmedido às inovações têm sido muito mais alarmantes. O homem percebeu que está se desfigurando num ritmo espantoso, assaltado por ondas de sistemas peritos extremamente impessoais, como robôs e computadores de última geração. Tais criações tornam-se ameaças cada vez mais constantes, suplantando radicalmente o velho general Smith, que já sinalizava para essa maldição descaracterizadora²⁰. Freud (2010, p. 352) salienta que, assim como o processo de mumificação realizado no antigo Egito, esse fenômeno acontece devido à tentativa do homem de “construir uma imagem do morto em material duradouro”. Todavia, quando rompido esse “narcisismo primário”, o que deveria ser o eterno mantenedor do *ego* torna-se o inquietante mensageiro da morte.

²⁰ Sr. Thompson, creio que é esse o seu nome, deixe-me acrescentar, quero dizer, que as mais úteis, as mais verdadeiramente úteis invenções mecânicas... estão diariamente repontando como cogumelos, se assim me posso exprimir, ou, de modo mais figurado, como... ah!... como gafanhotos... como gafanhotos, Sr. Thompson... em torno de nós e... ah, ah, ah!... em torno de nós! (POE, 2001, pp. 505, 506).

O capitalismo é o pivô do desencaixe dos sistemas sociais, pois implanta os mecanismos articuladores dos sistemas peritos, responsáveis pela valorização das fichas simbólicas. Os pregões das bolsas de valores são vetores desse processo, já que mostram a desrazão cronotópica das negociações despersonalizadas, bem como a imprecisão valorativa de serviços e mercadorias (considerando a frequente oscilação do poder de compra de uma determinada moeda). Temendo perder-se nesse sofisticado enredo de permutas impessoais, o homem contemporâneo gradativamente define-se numa luta desigual contra o modelo capitalista vigente, espelho no qual vê sua face desmanchar-se, assim como o narrador em vista da verdadeira forma de Smith, seu duplo. Este, espalhado em sua trouxa, pergunta-lhe: “É estranho que você não me tivesse conhecido, não é?” (POE, 2001, p. 509). Obviamente, são desconhecidos os restos de um protótipo apolíneo que desfigura a sociedade, fragmentando-a ao diluir suas identidades culturais, como se estas fossem suas cinzas fúnebres. Para tanto, a classe dominante apodera-se da história monumental, vestindo-lhe com inventos mirabolantes, tendo em vista a capacitação do *modus* imperialista de controlar o proletariado. Todavia, foi mostrado que a elite também é vítima de sua ambição financeira e intelectual, pois cultua excessivamente suas tecnologias, engessando-se como elas, o que suscita a preocupante indagação atual: afinal, “onde termina o sistema e onde começa o eu? Nesse emaranhado labiríntico se esconde a tragédia da nossa época contemporânea” (COALE, 2007, p. 117).

Considerações finais

Na segunda metade do século XIX, por conta da Revolução industrial, apareceram vários “ismos” nas nomenclaturas artísticas, indicadores da irrupção dos diversos “cogumelos mecânicos” da ciência. Do Realismo-naturalismo às vanguardas modernistas, surgiram diversos tipos de tecnologias, sobretudo a serviço dos conflitos que ocorreram nesse período. Durante os terríveis confrontos da segunda grande guerra, aviões da *luftwaff* alemã, navios encouraçados, metralhadoras de alta precisão, morteiros de longo alcance e outros múltiplos armamentos revelaram ao mundo o poder aterrorizante de suas criaturas tecnológicas. Quanto à referência do general Smith aos “cogumelos”, nunca houve espécimes que

causassem tamanha destruição como aquelas fatalmente plantadas pelas bombas atômicas jogadas em Hiroshima e Nagasaki. Do mesmo modo que o general, o que restara das duas guerras fora o resíduo monstruoso do homem, vítima de suas máquinas de extermínio, munidas da recorrente ambição elitista pelo poder.

O desencantamento gerado pelos transtornos e feridas desses dois conflitos fundou a pusilânime modernidade, de cujas instituições são descartadas quaisquer possibilidades de sanar as horríveis memórias dos genocídios. Salvaguardados o caráter e a proporção, a orfandade da América do Norte pós-colonial assemelhava-se a essa desilusão contemporânea, ocasionada pelos terrores bélicos na primeira metade do século XX. A dignidade e os direitos humanos foram corrompidos, e o homem pós-moderno sentia-se órfão de sua natureza benfazeja, sobretudo porque a fé no trabalho, citada por Bauman (2001), foi seriamente comprometida. O anseio progressista do *American Dream* também fora abalado por medos transgressores, aos quais os puritanos, impelidos por seu hiperbólico senso de pecado, estavam supostamente fadados. Em ambos os casos, o progresso não se apresentava tão promissor como as elites governamentais tendenciosamente defendiam.

Ainda que o desenvolvimento científico seja inevitável e usualmente aclamado, sempre existe a possibilidade de o novo Smith ruir e desmembrar sua estrutura tecnológica. Hoje, devido à “leveza” das fichas simbólicas e dos mecanismos de desencaixe, as agências governamentais caíram num escuro labirinto, no qual seu olhar inquisitivo dilui-se cada vez mais, impedindo-lhes de voltarem ao seu nicho dominante. Mesmo que o homem-máquina da modernidade tenha mensurado cada palmo da *res* com suas tecnologias, ele, assim como o mítico Dédalo, continua perdido e confuso, preso em sua própria enxovia, onde o momento flui velozmente rumo ao futuro, sem, todavia, retroceder a um passado transcendental. Logo, conclui-se que as inovações contemporâneas aumentam a distopia identitária, apartando o tempo do espaço num ritmo assustador. Edgar Allan Poe antecipa a ameaça dessa entropia, construindo – e desconstruindo – o general Smith, “O homem que foi desmanchado” como (pré)texto da modernidade.

Referências

ABÍLIO, Maria Inês Ramos. Globalização: características mais importantes. *Revista Visões*, FSMA, 3. ed., Rio de Janeiro, jul./dez. 2007. Disponível em: <www.fsma.edu.br/visoes/ed03/3ed_artigo1.pdf>. Acesso: 6 ago. 2013.

ALLAN, Harvey. *Israfel: vida e época de Edgar Allan Poe*. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1945. 2 v.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda, 2001. Disponível em: <xa.yimg.com/kq/groups/.../Modernidade+Liquida+-+Zygmunt+Bauman.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2013.

BYRON, Lord. *Manfredo*. Tradução de João Almeida Flor. Lisboa: Relógio D'água, 2002.

COALE, Sam. Os sistemas e o indivíduo: monstros existem. In: JEHA, Júlio (Org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 102-124.

DUTRA, Robson Lacerda. A literatura fantástica e a reinvenção do mundo. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 657-672, jul./dez. 2012.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: _____. *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos)*: além do princípio do prazer e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

LIMA, Maria Antônia. *O terror na Literatura norte-americana*. Lisboa: Universitária, 2008. 2 v.

LÖWY, Michel. *Romantismo e messianismo*: ensaios sobre Lukács e Benjamin. Tradução de Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Edusp; Perspectiva, 1998.

MARTÍNEZ, E.; SALAS, H.; MÁRQUEZ, D. Los efectos económicos, políticos y socioculturales de la globalización en el sector lechero mexicano. In: ENCUENTRO NACIONAL SOBRE DESARROLLO REGIONAL EN MÉXICO “MÉXICO: DESARROLLO REGIONAL Y PROYECTO NACIONAL”, 3., 1997, Tlaxcala. *Ponencia presentada...* Tlaxcala, Tlax., abril. 1997.

MEIRELES, Alexander. Sobre robôs e insetos: a crise do fantástico em Karel Capek e Franz Kafka. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 619-637, jul./dez. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PESSOA, Fernando. *Poemas escolhidos*. Frederico Barbosa (org.). São Paulo: Jornal Zero Hora / Klick Editora, 1998.

POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia e ensaios*. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

Recebido em 18/10/2013

Aceito em 13/05/2014